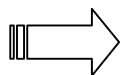


Objetivo: alcançar uma visão geral sobre a história da Igreja, enfocando os seus aspectos positivos e as suas contribuições para a humanidade.

Instruções sobre o curso: página 10.



PRIMEIRA LIÇÃO

A COMUNIDADE DO AMOR

Quando se fala em História da Igreja, imediatamente vêm, à nossa mente, os erros praticados em nome da Religião, a Inquisição, o processo contra Galileu Galilei... Enfim, o que chama a nossa atenção é o aspecto sombrio do pecado humano que, infelizmente, também participa dessa história. Quando Martinho Lutero iniciou o protestantismo, rompendo com o Catolicismo, ele reprovou Erasmo de Rotterdam por sua permanência na Igreja Católica apesar de sua corrupção. Erasmo respondeu: "Suporto esta Igreja com a esperança de que seja melhor, **pois ela também está obrigada a suportar-me esperando que eu seja melhor**".

Leia **Mt 13,24-30**

O joio e o trigo

Os escândalos que, de vez em quando atingem a Igreja, devem nos entristecer, mas não surpreender. A Igreja está composta de pessoas humanas, não somente de santos. Além disso, também existe joio dentro de cada um de nós, não somente no mundo e na Igreja, e isso deveria eliminar de nós a disposição de apontar com o dedo aos demais.

Através desse estudo que estamos iniciando, vamos nos deter nos aspectos positivos que inundam a História da Igreja, mas que são extremamente desconhecidos. Se, além dos aspectos negativos, as escolas, as faculdades, os livros e os professores de história também falassem das enormes contribuições que a Igreja deu ao mundo nesses dois mil anos, certamente fariam muito melhor aos estudantes. Iniciemos, pois, a nossa viagem pela história da Igreja.

1.1. A NOVIDADE DO AMOR

Leia **1Jo 4,19**

O Amor de Deus

Esta é a grande novidade que o Catolicismo revelou ao mundo: o amor incondicional de Deus. Tudo o que deve ser entendido sobre Deus e o homem inicia-se no amor.

O homem, antes do Catolicismo, procurava atrair a atenção de Deus através de oferendas e sacrifícios. Após o Catolicismo, agora se sabe: Deus não precisa ser atraído, **o seu Amor se antecipa a qualquer gesto nosso**. O que temos que fazer é **responder** a esse amor. Não conquistá-lo.

O ser cristão, então, nada mais é do que ser alguém que queira viver essa novidade do amor: acolher o amor de Deus para consigo e repartir esse amor com os outros: **"Quem não ama, não conhece a Deus, porque Deus é amor"** (1Jo 4,8).

Ora, **ninguém ama sozinho. Ninguém vive sozinho**. Por isso, juntamente com sua mensagem amorosa, Jesus inaugurou uma comunidade, fez uma convocação a fim de reunir homens e mulheres dispostos a amar e a praticar esse amor uns com os outros. A essa convocação, Jesus chamou de **"minha Igreja"** (Mt 16,18).

1.2. A FALTA DE AMOR EXPRESSADA NA HISTÓRIA

É certo que, nem sempre, esse amor foi experimentado dentro da Igreja. Falhas, muitas mesmo, surgiram. Hoje em dia, se tornou comum e fácil levantar um julgamento sobre certas atitudes que determinados membros do clero católico tomou durante a História da Igreja. Com isso, tenta-se mostrar que a Igreja faliu ou que ela não tem moral para orientar ninguém. Isso se faz não levando em conta uma verdade essencialmente evangélica: *Deus se fez homem, trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós*, como ensina o Concílio Vaticano II. Em outras palavras: a ação de Deus não destrói a natureza humana, mas se utiliza dela para purificá-la e santificá-la. Jesus Cristo assumiu a total fraqueza humana na cruz, para dela extrair a salvação. Agora aproveita os falhos dos homens da Igreja para arrancar a santidade.

Para se falar a respeito dos erros encontrados na História da Igreja é preciso antes reconhecer três coisas: **1) O homem é um ser que erra; 2) O contexto da época; 3) A Igreja hoje.** Vamos percorrer esses pontos:

1) O homem é um ser que erra: o ser humano, ferido pelo pecado original, tornou-se capaz de errar. Por isso, precisamos de um Salvador. Contudo, Jesus não entregou a sua Igreja, que é **santa e imaculada** (Ef 5,27), nas mãos de anjos, mas, sim, a homens e mulheres tocados pela herança de Adão e Eva. Querer culpar a Igreja pelos erros humanos é mais um erro, pois não é dela a culpa de seus filhos. É como se dissesse que um hospital não serve porque está cheio de doentes.

2) O contexto da época: este item nunca pode ser esquecido. Cada época tem seus costumes, que provocam atitudes diversas. Por exemplo: até a Lei Áurea aparecer, em 1888, ter escravos era algo extremamente normal. Se você vivesse, naquela época, não acharia nada estranho ter um escravo. Ou, então, você que hoje namora, pergunte ao seu avô como era no tempo dele: certamente, você achará estranho ter que namorar em casa, na presença de um “olheiro” e, dificilmente, poder encostar na namorada. Da mesma forma, querer entender questões como Inquisição, Cruzadas ou Galileu Galilei, sem se envolver no contexto da época, é tarefa impossível. Tal atitude produzirá uma análise que será apenas julgamento descabido.

Não pense, porém, que quer se jogar, na conta do “contexto da época”, todos os erros cometidos. Não. Não se quer encobrir a responsabilidade de ninguém. Nem é este o desejo da Igreja. Ao contrário, é bom que se diga que muitas vezes o próprio clero reconheceu suas falhas: o Papa Adriano VI, nos anos de 1522 e 1523, auge da Reforma Protestante, enviou um representante a uma importante reunião com a seguinte mensagem: “Dirás que reconhecemos livremente que Deus permitiu esta perseguição da Igreja por causa dos pecados dos homens, e, de modo especial, dos sacerdotes e dos cardeais... **A Escritura Sagrada ensina-nos, com ênfase, que as faltas do povo têm suas fontes nas faltas do clero...**”

A Igreja não tem medo da verdade. Ela canonizou santos que lutaram arduamente contra estruturas corrompidas da Igreja. Santa Catarina de Sena, ajoelhada aos pés do Papa Gregório XI, dizia: “Seja homem, Santidade, combata a lepra da Igreja. Faça barreira ao mar de lama, não se afogue”.

3) A Igreja hoje: o mais bonito é que, apesar dos obstáculos e dos caminhos tortuosos pelos quais a Igreja foi obrigada a passar, ela continua viva e atuante. Sua vivacidade ficou clara no término do pontificado de João Paulo II e início do governo de Bento XVI. Uma instituição que chega aos dois mil anos com esta força, com certeza, **mais acertou do que errou.** E nós precisamos dizer isso ao mundo. É preciso parar de usar o passado mais que superado da Igreja para encobrir a atualidade anti-cristã em que vivemos. Os países comunistas e muçulmanos extremistas continuam a perseguir e a prender católicos. Só no século XX, tivemos **45 milhões de mártires!** Mas sobre isso ninguém fala. Já o Papa João Paulo II, por ocasião do novo milênio, reconheceu as fases tristes da Igreja e pediu perdão em nome por todas as atitudes de católicos que não ouviram o Evangelho, mas parece que ninguém perdoou.

Ser cristão é discordar dos erros de um passado em que o joio floresceu, mas é também saber reconhecer o trigo que se espalha por este campo de dois milênios. Por isso, a Igreja é sim “a coluna e a sustentação da Verdade” (1Tm 3,15), pois, **na fraqueza do homem, se manifesta a fortaleza de Deus** (2Cor 12,7-10).

FIM DA PRIMEIRA LIÇÃO

A COMUNIDADE DO AMOR



Exercícios para fixação do estudo

Faça numa folha à parte e depois confira as repostas no gabarito (página 10 do curso).

QUESTÕES:

- 1) Que novidade o Cristianismo ensinou sobre o amor de Deus? Qual o papel da Igreja nesse amor?
- 2) Diga, em resumo, quais são os três pontos para se tratar dos erros da história da Igreja.

REFORMAS NA IGREJA

A Igreja precisa de constante reforma, mas é importante saber discernir como e o que reformar. Sobre isso, o Papa Bento XVI explicou: “Devemos ter sempre presente que a Igreja não é nossa, mas Sua (do Cristo)... Portanto, as “reformas”, as “renovações”, embora sempre necessárias, não podem se resumir em um esforço zeloso de nossa parte... Portanto, “reforma” verdadeira não significa tanto um atarefar-se para erguer novas fachadas, e, sim, procurar fazer desaparecer aquilo que é nosso, para que apareça melhor o que é Seu, do Cristo. Os santos realmente souberam reformar a Igreja, não elaborando planos para novas estruturas, **mas renovando-se a si mesmos**’. (*A fé em crise?*, p. 35)